

O REGIONALISMO TRADICIONALISTA EM OS CANGACEIROS DE JOSÉ LINS DO REGO

Leopoldina Ramos de Freitas¹

RESUMO

O romance regionalista tradicionalista procurou retratar a cultura e a realidade nordestina, mostrando uma visão autêntica do Brasil. O messianismo, o poder dos coronéis, o cangaço, as volantes e as secas estavam entre as principais temáticas abordadas por este movimento. A obra de José Lins do Rego é representativa deste tipo de literatura que ficou conhecida como Romance de trinta. Este artigo tem como objetivo analisar as características do romance regionalista tradicionalista presentes em *Cangaceiros*, um dos livros que compõe o chamado ciclo do cangaço.

PALAVRAS-CHAVE: Tradicionalismo; Regionalismo; Características; Cangaceiros; Romance.

ABSTRACT

The traditionalist regionalist novel portrayed the culture and the Northeastern reality, showing an authentic view of Brazil. Messianism, the colonels' power, cangaço, police authorities and droughts were among the main themes addressed by this movement. The work of José Lins do Rego is representative of this type of literature that became known as Romance of thirty. This article aims to analyze the characteristics of the traditionalist regionalist novel that are present in *Cangaceiros*, one of the books that compose the so-called cangaço cycle.

KEYWORDS: Traditionalism; Regionalism; Features; Cangaceiros; Novel.

INTRODUÇÃO

Ao final da década de vinte e, principalmente, no início da década de trinta, um grupo de artistas preocupados com questões políticas locais e regionais iniciaram um movimento que buscava resgatar os costumes e as tradições nordestinas. Este movimento, regionalista e tradicionalista, retratou a realidade da região Nordeste a partir de temas como

a decadência da sociedade açucareira; o beatismo contraposto ao cangaço; o coronelismo com seu complemento: o jagunço e a seca

¹ Mestre em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

com a epopeia da retirada. Esses temas, presentes na literatura popular, nas cantorias e nos desafios, nos discursos políticos e nas oligarquias, foram agenciados por essa produção literária, tomando-os como manifestações que revelariam a essência regional (ALBUQUERQUE JÚNOR, 2011, p. 137).

O escritor José Lins do Rego, enquanto partidário desse movimento, ao longo de sua carreira literária como cronista e romancista, penetra na zona da mata açucareira e no sertão paraibano, retratando muitas das problemáticas sociais do Nordeste, como a decadência dos engenhos e o banditismo rural, que ficou conhecido como cangaço.

A obra desse autor costuma ser estudada através de seus ciclos, o da cana de açúcar (*Menino de Engenho, Doidinho, Banguê, Usina e Fogo Morto*), que retrata os anos prósperos e a decadência dos componentes que integravam o mundo dos engenhos, e o ciclo do messianismo e do cangaço, discutido nas obras *Pedra Bonita e Cangaceiros*. Neste artigo, analisamos o livro *Cangaceiros* com vistas a identificar quais aspectos do romance regionalista tradicionalista estão presentes nesta obra.

AS ORIGENS DO REGIONALISMO NO BRASIL

O movimento regionalista no Brasil teve início com a criação do Centro Regionalista do Nordeste (1924) e com a realização do Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. A iniciativa de fundação do Centro é atribuída a Odilon Nestor, que também cedeu sua casa para a realização dos encontros do grupo, que contava com a presença de Gilberto Freyre, Moraes Coutinho, Amauri de Medeiros, Antônio Inácio e Alfredo Freyre. O objetivo do Centro era defender as tradições regionais do Nordeste, bem como os interesses dessa região. Após a promoção de algumas reuniões, as atividades do Centro começaram a rarear e as notícias sobre ele nos jornais da época desapareceram. As propostas do Centro tinham como foco a valorização do Nordeste enquanto região e não apresentavam, naquela época, nenhuma preocupação com a literatura. De acordo com Santine (2014),

[...] o Grupo Regionalista do Nordeste, embora sem grande repercussão na imprensa da época, apresentava uma contraface do Modernismo heroico de 22 ao colocar em cena uma realidade diversa daquela que fomentara o movimento modernista em um espaço geográfico que se reconhecia como edificado sob o signo da modernidade: a criação do Centro Regionalista do Nordeste marca, portanto, a tentativa de quebra da hegemonia cultural do eixo Rio-São Paulo, fixando hábitos e tradições responsáveis pela definição do

homem nordestino e pelo lugar que lhe era dado na esfera social (SANTINE,2014, p. 118).

O primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, posteriormente denominado Manifesto Regionalista de 1926, aconteceu na cidade de Recife. O desejo de realização deste Congresso já estava presente no programa do Centro Regionalista, cujos membros dedicaram-se durante todo o ano de 1925 a concretização deste evento. Conforme afirma Santos (2010), o movimento regionalista diferencia-se do movimento modernista de 1922, pois

esse último se aproxima do popular buscando a reatualização do Brasil em relação aos movimentos culturais e artístico do exterior, se esforçando para resgatar, assim, as raízes nacionais; o primeiro buscava preservar e fortalecer as tradições do Nordeste, resgatando a cultura regional do espaço que já foi o centro econômico e cultural do país. O movimento literário da Geração de 30 (ou segunda geração modernista) é marcado pelo entrelaçamento entre o discurso literário com o discurso sociopolítico, onde problemas do Nordeste brasileiro – principalmente a seca, o abandono, e a violência... – são representados nas páginas dos romances (SANTOS, 2010, p. 2).

Ainda de acordo com este autor, o movimento regionalista seria um “contramovimento, que incorporou de forma moderada alguns elementos do modernismo por um lado, e se apegou às tradições regionais, por outro” (SANTOS, 2010, p. 4). Enquanto intelectual partidário deste movimento, Gilberto Freyre desejava apresentar um Nordeste diferente do que era retratado até então. O Nordeste de Freyre tinha água em abundância, terras férteis, cana de açúcar e senhores de engenho, bem diferente, portanto, do território atrasado e precário do romance de Euclides da Cunha, por exemplo. Como afirma Durval Muniz (2011, p. 111), “Freyre é também um dos fundadores do discurso que tenta modificar a negatividade das condições ecológicas do Brasil e, principalmente, do Nordeste”.

As ideias do Movimento Regionalista estão sintetizadas no Manifesto Regionalista, de Gilberto Freyre, que foi supostamente escrito e apresentado por ele em 1926, durante o Congresso Regionalista. O fato desse manifesto ter sido publicado apenas em 1952, após 26 anos da realização do Congresso, gera controvérsias a respeito da real data em que este documento foi escrito, visto que “seu conteúdo poderia facilmente ter sido produzido na década de 1920, mas há quem diga que o Manifesto simplesmente inexistiu, e só foi produzido na década de 1950” (SANTOS, 2010, p. 4).

Wilson Martins e Joaquim Inojosa estão entre as figuras que defendem que este documento não foi escrito em 1926, pois, ao pesquisar os jornais da época no período de realização do Congresso Regionalista, nada encontraram sobre a existência desse manifesto.

Em seu Manifesto Regionalista, Gilberto Freyre deixa claro que este é um movimento apolítico e não separatista que deseja “ver se desenvolverem no País outros regionalismos que se juntem ao do Nordeste, dando ao movimento o sentido organicamente brasileiro e, até americano, quando não mais amplo, que ele deve ter” (FREYRE, 1996, p. 2). Os tradicionalistas queriam reabilitar e defender os valores e as tradições do Nordeste, para que eles não fossem abandonados. De acordo com Gilberto Freyre,

talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores (FREYRE, 1996, p. 3).

O saudosismo de Freyre está presente no Manifesto quando ele menciona os antigos doces, as tradições, os mucambos, as redes, o açúcar mascavo dos velhos engenhos, as comidas de tabuleiro, as artes populares do barro, da palha do ouricuri, e da piaçava. O manifesto também se refere, de forma elogiosa, aos artistas do povo, aos mestres da música e da dança, às negras de tabuleiro, aos jangadeiros, aos curandeiros, aos intelectuais e aos escritores (SANTOS, 2010).

O sociólogo confere importância demasiada às tradições culinárias. Segundo este autor, “todos os pratos tradicionais e regionais do Nordeste estão sob a ameaça de desaparecer, vencidos pelos estrangeiros e pelos do Rio” (FREYRE, 1996, p. 8). Ao retornar da Europa, ele sentiu-se desapontado ao perceber que os cafés brasileiros não serviam mais água de côco verde como refresco, nem arroz doce, mungunzá ou tapioca molhada. Todos estes pratos haviam sido substituídos por doces e pastéis à moda francesa e por bebidas engarrafadas. Para este autor,

[...] a arte da mulher de hoje está na adaptação das tradições da doçaria ou da cozinha patriarcal às atuais condições de vida e de economia doméstica. Nunca repudiar tradições tão preciosas para substituí-las por comidas incharacterísticas de conserva e de lata, como as que já imperam nas casas das cidades e começam a dominar nas do interior. Raras são hoje, as casas do Nordeste onde

ainda se encontrem mesa e sobremesa ortodoxamente regionais: forno e fogão onde se cozinham os quitutes tradicionais à boa moda antiga. O doce de lata domina. A conserva impera. O pastel afrancesado reina. Raro um Pedro Faranhos Ferreira, fiel; em sua velha casa de engenho - infelizmente remodelada sem nenhum sentido regional - aos pitus do Rio Una. Raro um Gerôncio Dias de Arruda Falcão que dirija ele próprio de sua cadeira de balanço de patriarca antigo o preparo dos quitutes mais finos para a mesa imensa da casa-grande - quase um convento - que herdou do Capitão Manuel Tomé de Jesus, lembrando à cozinheira um tempero a não ser esquecido no peixe, insistindo por um molho mais espesso no cozido ou por um arroz mais solto para acompanhar a galinha, recordando às senhoras da casa, as lições de ortodoxia culinária guardadas nos velhos livros de receitas da família (FREYRE, 1996, p. 8).

Segundo Chaguri (2007), a postura assumida por Freyre, na maior parte dos casos, inclusive em seu Manifesto, é contrária ao que foi proposto na Semana de Arte Moderna. Gilberto Freyre criticava o fato deste movimento ter muitas influências europeias ao invés de dedicar-se às tradições brasileiras. Na visão deste autor, "[...] o Regionalismo tradicionalista e seu modo modernista do Recife é completamente independente do 'Modernismo' Rio- São Paulo [...]" (CHAGURI, 2007, p. 40). Ainda de acordo com Freire,

[o] Modernismo [é] responsável por outra inovação contra a qual se levanta nosso regionalismo: a horrível mania que hoje nos persegue de mudarmos os mais saborosamente regionais nomes de ruas e de lugares velhos - Rua do Sol, Beco do Peixe Frito, Rua da Saudade, Chora Menino. Sete Pecados Mortais, Encanta Moça - para nomes novos: quase sempre nomes inexpressivos de poderosos do dia. Ou datas insignificamente políticas (FREYRE, 1996, p. 4).

Apesar dos romancistas da geração de 30 terem retratado as contradições de classe no Brasil focando a região Nordeste, a abordagem regionalista que eles utilizaram era dotada de qualidade estética e visava recuperar não só a cultura e a realidade nordestina, mas mostrar uma visão autêntica do Brasil. Na perspectiva de Coutinho (2011, p. 44), o regionalismo foi "o movimento literário mais profundamente realista da história da nossa literatura". As secas que sempre afligiram os habitantes do semiárido nordestino, os movimentos messiânicos, o cangaço e as volantes, que por tantas vezes perturbam a paz do povo nordestino, também foram temáticas abordadas em seus romances por esta geração (CASTRO, 2016).

Dentre as principais temáticas explanadas pelos romances regionalistas, podemos citar: o declínio da sociedade açucareira, o beatismo, o cangaço, o

coronelismo, os jagunços e a seca. Para Durval Muniz (2011), a escolha por estas temáticas justifica-se pela necessidade de denunciar as condições regionais, servindo, portanto, como estratégia política. Ainda de acordo com este autor, o romance de trinta conferiu visibilidade e dizibilidade ao Nordeste, a começar pelo trabalho com a linguagem regional, que ficou em evidência neste período.

Um dos escritores tradicionalistas que recebeu destaque pelo uso da linguagem popular em seus trabalhos é José Lins do Rego. Este autor, assim como Freyre, exerceu um papel importante na consolidação do movimento regionalista tradicionalista. De acordo com Chaguri (2007), a rememoração dos tempos da infância como um dos principais elementos para a composição literária é uma das grandes contribuições estéticas de José Lins para Regionalismo.

O saudosismo da infância vivida no engenho fez Lins recuperar as práticas culturais nordestinas em sua obra, o que contribuiu não só para a valorização dessa região, mas também reivindicou “[...] para o Nordeste uma tradição e, portanto, uma história outra que aquela da decadência vivida pela região” (CHAGURI, 2007, p. 66). Ademais, a escrita deste autor também se destaca dentro do movimento regionalista por ter retratado e compreendido legitimamente os problemas do Nordeste, visto que ele representou os dramas pessoais vivenciados pelos sertanejos, cangaceiros, senhores de engenho e trabalhadores de eito. Nesse sentido, buscando compreender melhor a obra desse autor, discutiremos acerca dos seus principais romances na próxima seção.

JOSÉ LINS DO REGO E SUA OBRA

Gilberto Freyre exerceu influência sobre alguns jovens escritores moradores de Recife na década de 1920, que veio a intensificar-se com a realização do Congresso Regionalista e com a publicação do seu *Livro do Nordeste*. Ele foi um dos principais articuladores do movimento Regionalista, assim como seu grande amigo, José Lins do Rego. Para Castello (1961, p. 89), “a amizade de Gilberto-José Lins do Rêgo é de certo uma das grandes amizades na história da literatura do Brasil”.

José Lins identificava-se com o modo de pensar a nação brasileira e a identidade nacional de Gilberto Freyre. No prefácio que escreveu para o livro *Região e tradição* de Freyre, Lins deixa claro o quanto foi influenciado por este autor:

para mim tivera comêço naquela tarde de nosso encontro minha

existência literária. O que eu havia lido até aquele dia? Quase nada. Talvez que nem um livro sério do princípio até o fim. Lera o grande Eça de Queiroz. Mas escrevia por instinto contos e crônicas. E João do Rio com a sua simplicidade de escrever me entusiasmara. Lima Barreto também. Gilberto Freyre pediu-me para ler os meus retalhos de jornal. Leu as crônicas, os contos, e criticou-os, falando-me de alguns com interesse. Havia nos meus modos de dizer qualquer coisa que o interessou. E a minha aprendizagem com o mestre da minha idade se iniciava sem que eu sentisse as lições. Começou uma vida a agir sobre a outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensando por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele fazia, cai na imitação, no quase pastiche. Isto não só no seu jeito de escrever como em tudo o mais: nos seus gostos, nas suas relações, os seus métodos de vida. Ele era tudo o que eu não tinha. Uma cultura clássica, uma capacidade de penetrar, de análise, de síntese, de vida interior, que se chocavam com os meus impulsos, os meus arrancos bruscos, os meus ímpetos de instintivo puro. E tudo isso, que poderia nos separar, nos ligou profundamente (RÊGO, 1941, p. 18-19).

José Lins nasceu no engenho Corredor, localizado em Pilar, na Paraíba, no ano de 1901. Como perdeu sua mãe muito cedo e sua pai quase não o visitava, ele foi criado por seu avô materno e teve uma vida marcada pela ausência dos pais. Em sua infância estudou durante três anos no Internato Nossa Senhora do Carmo, em Itabaiana. Esse período serviu como inspiração para a construção do romance *Doidinho* (1933), que retrata a educação imposta aos filhos dos grandes proprietários rurais.

José Lins cresceu em um ambiente influenciado pelo poder de seu avô, tanto sobre a propriedade que habitavam, como também sobre a população da região. Ele vivenciou disputas políticas tradicionais, viu o coronelismo e o cangaço exercerem um poder paralelo ao do Estado, presenciou as disputas entre os engenhos banguês e as usinas de açúcar (SANTOS, 2010). Todos estes fatores marcaram sua vida e influenciaram a escrita de seus romances.

Este escritor paraibano foi, além de romancista, um cronista reconhecido em Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Ao mudar-se para Maceió, ele teve a oportunidade de conviver com Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Aurélio Buarque de Holanda, dentre outros escritores tradicionalistas que, assim como ele, eram descendentes de famílias de grandes proprietários rurais que entraram em decadência.

A obra de José Lins é, muitas vezes, considerada autobiográfica, visto que ele retrata a sociedade patriarcal nordestina dos séculos XIX e XX, da qual ele fez parte. Segundo Castro (2016), os romances deste autor não seriam os mesmos sem o suporte memorialista, afinal, as histórias narradas em seus livros fazem parte do cotidiano de um

menino criado em um engenho de cana de açúcar, assim como o drama vivido por seus personagens representam suas experiências de infância e juventude.

Menino de Engenho (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943) são os romances desse escritor que descrevem o ciclo da cana de açúcar, desde seus anos de prosperidade até o seu declínio, mencionando todos os componentes que fizeram parte desse universo dos engenhos, como por exemplo: os canaviais, as cidades pequenas, as cidades grandes, o homem simples, os coronéis e os cantadores. Na visão de Castro (2016), Lins do Rego é

[...] o romancista que, dos interiores do Brasil, faz ecoar sua voz além das fronteiras dos engenhos, das fazendas de criação de gado e dos solos áridos do sertão. Torna-se erudito sem que deixe de ser popular. Toca, de maneira ímpar, na decadência, e essa palavra define bem boa parte de seus romances. Esse romancista da decadência conta a história dos engenhos em processo de mutação, posto que cedem seu lugar à modernidade das usinas; todavia, denuncia também a decadência do homem, do ser (CASTRO, 2016, p. 21).

As histórias do Nordeste e de outras regiões são contadas por José Lins de forma lírica através de uma linguagem coloquial, a linguagem do nordestino. Seus personagens são simples e falam de um modo característico, sem, contudo, ser forçado. Essa forma de retratar a linguagem nordestina marcou os romances produzidos na década de 30. O Nordeste, em sua obra, não é apenas o espaço onde os romances acontecem, mas faz parte da sua própria estética (CASTRO, 2016). “Zé Lins não é um escritor que fala do Nordeste, meramente, é, antes, um artista do Nordeste, tal qual os cordelistas, os repentistas, os contadores de histórias por via da oralidade” (CASTRO, 2016, p. 20).

Conforme afirma Durval Muniz (2011), os romances de José Lins não são fruto de uma pesquisa sociológica, mas são inspirados nas histórias que lhe contaram nas salas de engenho, nas cozinhas, são baseados nas recordações de sua infância. Suas lembranças foram afloradas pelo sofrimento de ver seu mundo desmoronar com o fim dos velhos engenhos, seus livros, portanto, representam uma tentativa de simular um novo mundo para a sua existência e descrevem um processo de destruição, que é simultâneo a um processo de reconstrução de seu espaço interior e exterior. Ainda de acordo com este autor, os personagens da sociedade canavieira de Lins diferem dos idealizados por Freyre, pois

[...] embora ambos partam de dados da memória pessoal ou coletiva sobre a sociedade tradicional dos engenhos, o sociólogo enfatiza, em

sua análise, os quadros sociais que sustentaram esta memória, enquanto o romancista apela a esses quadros sociais para sustentar sua visão individual do processo de decadência de uma classe de proprietários rurais, do mundo patriarcal dos banguês no brejo da Paraíba (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 148).

De acordo com Castro (2016), a obra de Lins representa diversos nordestes, pois sua problemática retrata mais do que a seca e o cangaço, mostrando também um Nordeste de paisagens úmidas, onde a terra rachada encontra a água e onde a caatinga dá lugar ao verde da zona da mata. Nessa perspectiva, “Zé Lins é múltiplo, vasto, polifônico” (CASTRO, 2016, p. 19). Para Durval Muniz (2011, p. 152), o Nordeste de José Lins é visto a partir do engenho, das camaradagens entre senhor, escravos ou agregados, “é a terra feliz do brejo, para onde fogem os infelizes do sertão, terra da segurança e da proteção patriarcal”.

Os personagens representados por Lins em algumas de suas obras são influenciados pelo meio, suas atitudes são representadas como hereditárias, transmitidas pelo sangue (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011). Em sua obra é possível perceber uma visão naturalista, ela procura dividir “o que seria vida natural, vista como vida regional, e vida artificial, estranha, descaracterizadora deste espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 151).

Nos romances *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), José Lins do Rego dá início a um novo ciclo em suas obra, dessa vez com foco no messianismo, no cangaço e nas secas. Embora a figura emblemática do cangaceiro apareça timidamente em obras anteriores, nestes livros ela ganha maior expressão e populariza-se no gênero romance (CASTRO, 2016). A seguir, faremos uma análise dessa obra buscando verificar quais aspectos do romance regionalista tradicionalista encontramos em *Cangaceiros*.

O REGIONALISMO TRADICIONALISTA EM *CANGACEIROS*

O romance *Cangaceiros* é a continuação da narrativa da família Vieira, que iniciou-se em *Pedra Bonita*. A história desses livros gira em torno de Aparício Vieira, filho de Sinhá Josefina, que resolve entrar para o cangaço e torna-se o líder temido do bando; de Domicio, irmão do meio de Aparício, que “caí no cangaço sem mesmo saber como” (REGO, 2010, p. 67) quando ver-se diante do fogo cruzado entre os cangaceiros e as volantes; e de Bentinho, personagem que guia a narrativa de *Cangaceiros*. Bentinho

foi criado por padre Amâncio, seu padrinho, e tinha pretensões de ser seminarista, mas seu destino é modificado quando ele é obrigado a acompanhar sua mãe em retirada até a propriedade de um coiteiro de Aparício, onde os dois passam a esconder-se do carma e do perigo de ser parente de cangaceiro.

Cangaceiros é um romance dividido em duas partes. A primeira delas, intitulada “A mãe dos cangaceiros” retrata a vida angustiada de sinhá Josefina, que encontra-se em fuga para a fazenda Roqueira, de propriedade de um coiteiro de Aparício. Lá ela se instala e tenta levar uma vida normal, mas está sempre à sombra de Aparício. Suas ações a perseguem e a levam a loucura, até que ela comete suicídio. A segunda parte do romance narra a vida de Bentinho sem a mãe, sua paixão por Alice, os desmandos de Aparício e o desejo de vingança do capitão Custódio. Conforme afirma Costa (2012), esta história

[...] renova ainda, mais uma vez, a temática em torno dos problemas sociais, físicos e humanos do nordeste brasileiro, analisando através do fenômeno do *cangaço* o banditismo “irracional” de personagens como Aparício Vieira, que tem em sua ascensão o declínio de sua mãe e o desnorteamento do irmão Bento, que vive em conflito entre a sua educação religiosa e as narrativas envolventes sobre o irmão rei do cangaço (COSTA, 2012, p. 5).

De acordo com Durval Muniz (2011), o romance regionalista da década de trinta, apresenta a realidade da região Nordeste e é “feito para um “público” e não para uma classe” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 127) . O Regionalismo inaugura um tipo de literatura que procura identificar-se com o sofrimento do povo, denunciando as condições de vida dos setores populares e apresentando as várias realidades do Nordeste, onde a população sofre os desmandos do governo, a violência do cangaço e a penúria da seca. Essa realidade fica bastante clara em *Cangeiros* tanto na passagem em que o Capitão Custódio fala para a mãe de Aparício sobre as forças que agem sobre o sertanejo: “este nosso sertão é assim mesmo, senhora dona Josefina, há de sofrer do governo, de rezar com beato, e lavar os peitos com os cangaceiros” (REGO, 2010, p. 77), quanto no desabafo de um integrante de um comboio:

O sertão está pegando fogo. Aparício dançou em Bom Conselho nas barbas do capitão Jesuíno e o governo deu o bute. E soltou os soldados no sertão que só na guerra de Canudos. Estão dizendo que Aparício estourou em Floresta com um grupo de mais de cem homens. Quem paga tudo isto é o sertanejo que nem pode trabalhar sossegado. Quando não tem seca, tem soldado. Quando não tem soldado, tem

cangaceiro (REGO, 2010, p. 127-128).

Cangaceiros faz um retrato do poder do coronelismo no sertão através do personagem Cazuzza Leutério, latifundiário de renome e muito influente na região. Em *Pedra Bonita e Cangaceiros*, “o coronelismo encontra sua expressão máxima nas respectivas personagens do coronel Clarimundo e do coronel Cazuzza Leutério. O poder que detêm na região sertaneja se configura como um poder ilimitado e paralelo ao poder institucional” (FARIAS, 2006, p. 238). A força dos coronéis no sertão fica evidente nas passagens em que o Capitão Custódio descreve Cazuzza Leutério:

[...] e passou a falar do coronel Cazuzza Leutério. O filho agora era deputado. A filha se casara com um engenheiro da estrada de ferro de Paulo Afonso. Agora mandava também nos trens. Cada vez mais poderoso, mais dono de tudo. [...] Cazuzza Leutério está imaginando que há de mandar a vida inteira neste sertão. Outro dia me vieram falar de política. Foi o promotor de Alagoas de Baixo, rapaz filho dos Wanderley de Triunfo. Eu disse a ele: “Senhor doutor, aqui quem manda é Cazuzza Leutério, manda mais do que o governo. Jatobá e Paracatu é o mesmo que fazenda dele. E está tudo acabado. Foi assim na Monarquia e assim entrou pela República. Haja rei, haja presidente, manda Cazuzza e está acabado”. Bem, eu quis cortar a conversa. “Nada quero de política, senhor doutor. Fui liberal nos tempos antigos e os liberais nunca puderam aqui com o povo do pai de Cazuzza Leutério. Eu sei é que, hoje em dia, de nada vale o direito do voto. Manda Cazuzza Leutério nas eleições e no júri. O resto é conversa” (REGO, 2010, p. 60-61).

Em *Cangaceiros*, a única figura capaz de amedrontar e oferecer resistência ao poder dos coronéis é Aparício e seu bando. Coronel Custódio tem seu filho assassinado por Cazuzza Leutério e, por ser covarde, coloca todas as esperanças de uma vingança em Aparício, que costumava invadir fazendas para assaltar os seus ricos proprietários. Para o personagem Capitão Custódio, “só [...] Aparício Vieira é que é homem neste sertão. Ele sabe que justiça de verdade só mesmo na boca do rifle” (REGO, 2010, p. 61). Nessa perspectiva, conforme afirma Farias (2006), a figura do cangaceiro representa o inconformismo e a revolta da população carente contra a injustiça e a dominação a que se encontra submetida. A violência do cangaço passa a ser, então, celebrada como um ato que representa a rebeldia da classe dominada contra o poder abusivo dos coronéis.

Dentre os temas regionais instituídos pelo romance de trinta, estão presentes em *Cangaceiros* o coronelismo, os jagunços (que aparecem nas partes da narrativa que se referem ao Cazuzza Leutério), a seca (que molda a paisagem da narrativa), como também

o beatismo em contraposição ao cangaço. O início do romance narra o momento em que Aparício e seu bando chegam em Pedra Bonita e ele encontra sua mãe, sinhá Josefina, que lhe aconselha a pedir a benção do Santo:

- Aparício, meu filho, para aqui não vieste para acabar com a tua mãe, para matar a tua mãe, para cuspir na cara da tua mãe, para pisar a madre que te pariu. Aparício, meu filho, ali está a força que pode mais que o teu rifle, uma coisa que fere mais no fundo que o teu punhal. Vai para ele, Aparício. A palavra da velha conduzia o filho como se empurrasse um cego na estrada. O Santo gritava, gritava com um vozeirão de roqueira. Aparício e os cabras chegavam para ele. E ele que tinha aos seus pés milhares de criaturas parecia não enxergar os cangaceiros de chapéu na cabeça. De repente, porém, como se os seus olhos se abrissem, olhou fixamente para Aparício e os seus homens. E manso, tal uma ventania que se abrandasse numa brisa mansinha, fixou no terror das caatingas a sua atenção. Com a voz de homem para homem, não mais de santo para impuros, foi dizendo: -Deus do céu e o meu santo mártir são Sebastião te mandou para perto de mim. E marchou para o meio dos cangaceiros, rompendo por entre os romeiros que caíam a seus pés, com a cabeça erguida e as barbas açoitadas pelo vento. Aparício, quando viu-o de perto, ajoelhou-se. O rifle caiu-lhe das mãos, enquanto o Santo punha-lhe na cabeça os dedos magros. Podia-se escutar os rumores dos bichos da terra naquele silêncio de mundo parado. E soturno, com a voz que saía de uma furna, o Santo ergueu para o céu o seu canto. E as ladainhas irromperam de todos os recantos do arraial. Muitos cangaceiros começaram a chorar. Aparício, porém, possuiu-se de fúria, e era uma fera acuada, com milhares de cachorros na boca da toca. E ergueu-se. E já com o rifle na mão esquerda fitou o Santo, cara a cara, e com a mão direita cheia de anéis puxou o punhal da bainha e disse aos berros: -Povo, eu não tenho medo (REGO, 2010, p. 35-36).

Segundo Castro (2016, p. 68) “o próprio cangaceiro é um ser extremamente místico” que agrega valores do catolicismo aos do folclore popular rural do Nordeste”. Para esta autora há uma relação sacro-profano nas obras que compõe o ciclo do cangaço de José Lins do Rego. Em algumas falas de sinhá Josefina, como podemos observar a seguir, os símbolos que representam a violência do cangaço (o rifle e o punhal) devem perder a força diante do poder sagrado do rosário do Santo:

O teu rifle não pode mais que o rosário do Santo. A tua força faz tremer o sertão. É a força dos malditos da nossa raça, da raça do teu pai que a terra vai comer. [...] A tua força, Aparício, é a do sangue que corre nas tuas veias, é a força do teu avô, o home que era mais duro que pau-ferro. Vai beijar a mão do Santo, Aparício. Que ele passe a mão no teu rifle, que ele toque no teu punhal, pra ver se assim Deus possa entrar no teu corpo ruim (REGO, 2010, p. 33 – 34)

De acordo com Durval Muniz (2011, p. 130-131), o romance de José Lins do Rego apoia-se nos processos narrativos populares de cantadores e contadores de história”. Nessa perspectiva, a figura do cantador não poderia faltar em sua obra. Tanto em *Pedra Bonita* quanto em *Cangaceiros* temos a presença de Dioclécio, um cantador que assume um papel importante ao tornar-se amigo e conselheiro de Bento, ajudando-o a fugir com Alice para o Brejo.

A aparição do personagem Dioclécio também é importante, pois, através dele, José Lins demonstra como os cantadores e os jornais da época povoavam o imaginário da população aumentando e até mesmo inventando histórias sobre os cangaceiros. O cantador faz um cordel sobre o filho do mestre Jerônimo, Zé Luís, que resolve entrar para o cançago após ferir um homem a facadas durante uma briga sem importância. O garoto, depois da confusão, resolve unir-se ao bando de Aparício, mas, depois de alguns dias escondendo-se na caatinga, adoece e precisa ficar de repouso na casa de um coiteiro. Depois de um tempo, as volantes o encontram e o aprisionam, e Zé Luís, que nunca havia participado de um tiroteio até o encontro com a volante, é retratado nos jornais da cidade e no cordel de Dioclécio como “uma fera dos sertões, quase menino, caíra nas mãos do tenente Alvinho, depois de luta tremenda. Tratava-se de um monstro de 18 anos. [...] A figura do menino criou raízes na imaginação sertaneja” (REGO, 2010, p. 309).

O romance tradicionalista regionalista também foi importante por tentar “resgatar o linguajar regional, estabelecer uma “língua regional” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 154). Segundo Oliveira e Aldrigue (2008), José Lins foi um mestre da língua e conhecedor da realidade linguística do Nordeste, de modo que utilizou-se da expressividade e da forma popular de falar para caracterizar seus personagens. De acordo com estas autoras,

[...] em *Cangaceiros*, José Lins do Rego utiliza a língua da mesma forma que nos habituamos a ouvir e, também, a usar, respeitando as características da região e de época. Este é um processo que exige do autor um vasto conhecimento linguístico para poder obter o seu intento. Dessa maneira, a forma como o escritor absorve a palavra e o bom uso dela vai determinando-lhe o estilo e diferenciando-o dos demais. Conforme a opinião de críticos, ensaístas, enfim, dos estudiosos da língua, José Lins do Rego é um, entre os escritores, dos que mais se destaca na arte de retratar as falas populares, considerando a maneira singular de enfrentar a palavra resultando, desse processo, expressões vigorosas com sabor e energia pouco detectadas em outros autores (OLIVEIRA; ALDRIGUE, 2008, p. 164).

Esse falar regional nordestino, tão expressivo e representativo do povo sertanejo, é percebido na escolha do léxico que acaba refletindo o ambiente físico, social e cultural em que os personagens estão inseridos. O modo de falar regional confere realidade ao que está sendo narrado e pode ser percebido na maneira que todos os personagens do romance se expressam. O trecho a seguir é uma das falas que mais aparece durante o romance, o lamento do Capitão Custódio pela perda de seu filho, nele podemos perceber as características dessa forma regional de expressar-se:

- senhora dona Josefina, razão tem a senhora para muito sofrer e eu sei bem o que é ser uma mãe de cangaceiro. Sei o que é uma dor sofrida por um filho, neste mundo. Vi o meu chegar numa rede, de corpo todo furado de punhal. Vi a minha finada mulher, a pobre Doninha, abraçada com o corpo estendido na minha porta. Fiz uma força danada para não me entregar. Fui com estas mãos cavar a cova para o pobrezinho. Eu mesmo furei o buraco e eu mesmo cobri tudo de terra. Está ele ali no canto do cercado. Era o meu filho, o que tinha sobrado da cambra de sangue do ano de 1884. Meninão, bicho bom para todo e qualquer trabalho. Esta terrinha de serra ele sabia lavar como se fosse um homem de Brejo, e o gado nas mãos dele estava nas mãos de um pai. Posso dizer à senhora que nunca me deu o menor desgosto, que não seja o da morte. Mataram o menino na feira de Jatobá. Foi o Cazuzza Leutério. Este desgraçado é o dono de todo este sertão infeliz. Sobe partido e desce partido e o desgraçado vai ficando. O menino estava em Jatobá para o trato de uma vendagem de rapadura e um cabra de Cazuzza Leutério afrontou o menino. Aí ele se fez nas armas e o cabra pagou a ofensa. O punhal do menino furou. Lá nele, no vão esquerdo, o bicho caiu ciscando. Foi quando a força do destacamento partiu para cima do menino. O sargento Donato disparou logo a carabina e os outros foram de facão como se quisessem acabar com um cachorro doente. Eu só sei é que um dos praças não ficou para contar a história. Mataram o menino. Fizeram renda no corpo dele. E mandaram deixar ele aqui na minha engenhoca com um recado do Cazuzza Leutério: “Diga ao capitão Custódio que a jararaca dele não morde mais boi manso” (REGO, 2010, p. 37-38).

A citação acima ilustra, através da escolha do léxico, o caráter regional da obra de José Lins do Rego. O uso de expressões populares como “*se fez nas armas*” e “*fizeram renda no corpo dele*” que significam, respectivamente, agredir com arma e mutilar o corpo, demonstram como esse autor empregava as variações linguísticas regionais e socioculturais em sua obra de modo a conferir à narrativa vivacidade e dinamismo. Além disso, o uso de expressões regionais também contribuiu para a valorização da linguagem oral, uma vez que eternizou na literatura a forma de falar do Nordeste açucareiro e agrário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar os aspectos do movimento regionalista e tradicionalista presentes na obra de José Lins do Rego tendo como enfoque o romance *Cangaceiros*. Os aspectos abordados em nossa análise nos permitem afirmar que esse romance se configura como tradicionalista na medida em que representa o sertão nordestino a partir de temas como a seca, o cangaço e o coronelismo. Além disso, não podemos deixar de mencionar que a referência aos personagens da cultura regional sertaneja, como os santos, os beatos e os cantadores, na obra deste autor, também foi importante para o movimento regionalista na medida em que introduziu essas figuras no imaginário popular, transformando-as em arquétipos.

Em *Cangaceiros*, José Lins do Rego abandona de vez a zona da mata açucareira e penetra no Nordeste do cangaço, das volantes, das secas e dos Santos. Este livro, representativo do romance regionalista tradicionalista, faz um retrato fiel do falar sertanejo, da paisagem dessa região, como também retrata todo o sofrimento da população nordestina que padece com as secas, com os desmandos dos coronéis e com a violência da polícia e dos cangaceiros.

Nessa perspectiva, este autor não só faz uma crônica social e um levantamento histórico em torno do cangaço, como também provoca uma reflexão sobre a vida das pessoas que fazem parte desse cenário. Embora trate de temas regionais, essa obra não deixa de ser universal, uma vez que ela problematiza a violência, a sociedade patriarcal e a decadência humana.

BIBLIOGRAFIA

REGO, José Lins do. **Cangaceiros**. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

_____. **Prefácio de Região e Tradição**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CASTALLO, José Aderaldo. **José Lins do Rêgo: modernismo e regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

CASTRO, Netanias Mateus de Souza. **Cangaceiros: violência e cangaço no sertão de José Lins do Rego**. 2016. 118 f. Dissertação: (Mestrado acadêmico em Letras) -

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Letras, Pau dos Ferros, 2016. Disponível em: http://www.uern.br/controladepaginas/defesas2016ppgl/arquivos/3857dissertacao_de_natanias_mateus_de_souza_castro.pdf. Acesso em: 12 dez. 2018.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **O Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: José Lins do Rego, Regionalismo e Tradicionalismo**. 2007. 213 f. Dissertação: (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281503/1/Chaguri_MarianaMiggiolaro_M.pdf. Acesso em: 12 nov. 2018.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil**: Ensaio sobre ideias e formas. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

COSTA, Lannusse Bergem Balbino. Utopia em ruínas no romance dramático Cangaceiros, de José Lins do Rego. In: Encontro da ABRALIC, 13, 2012, Campina Grande, PB. **Anais eletrônicos...** Campina Grande, PB:ABRALIC, 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/abralic/trabalhos/5def0188e4652fa5a1f1a4ccf0b7e3d352218.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de. **O sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna**: espaço regional, messianismo e cangaço. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.

OLIVEIRA; Mônica Maria Montenegro de; ALDRIGUE, Ana Cristina S. Língua-cultura-sociedade em Cangaceiros de José Lins do Rego. **Língua, Linguística & Literatura**, v. 6, n. 1, p. 163-179, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/download/7518/4584>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SANTINE, Juliana. Realidade e representação no romance regionalista brasileiro: tradição e atualidade. **O eixo e a roda**, v. 23, n. 1, p. 115-131, 2014. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/view/5908. Acesso em: 21 nov. 2018.

SANTOS, Nivalter Aires. Movimento Regionalista e Geração Literária de 30: Uma Análise Gramsciana. In: SEMINÁRIO TEMÁTICO, 2.; ANPOCS, 40., 2016, Minas Gerais, MG. **Anais eletrônicos...** Minas Gerais: ANPOCS, 2016, p. 1-30. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st02-8/10530-movimento-regionalista-e-geracao-literaria-de-30-uma-analise-gramsciana/file>. Acesso em: 12 nov. 2018.